

PUCRS Notícias premia vencedores do concurso

A Assessoria de Comunicação Social premiou os vencedores do Concurso do Boletim PUCRS Notícias dia 5/12, às 15h, no Salão Nobre da Reitoria. Os participantes enviaram relatos sobre o tema *Meu Momento Inesquecível na PUCRS*. O texto que ficou em primeiro lugar foi escrito pela funcionária Maria de Genro, do Campus Aproximado Vila Nossa Senhora de Fátima. Ela recebeu uma cesta de Natal e um cheque-presente da Livraria Acadêmica. Fábio Fagundes dos Santos, aluno de Ciências Aeronáuticas, ficou em segundo lugar e a professora da Faculdade de Letras Marisa Magnus Smith, em terceiro. Ganharam um cheque-presente da Acadêmica.



Maria de Fátima, Fábio e Marisa, os primeiros colocados

ENCARTE ESPECIAL

Encarte Especial integrante do PUCRS Notícias nº 97 10 a 17 de dezembro de 2003

1º
Colocado

Meu momento inesquecível na PUCRS

Maria de Fátima da Rocha Genro

Funcionária do Campus Aproximado Vila Nossa Senhora de Fátima • Pseudônimo: Fafa

No início dos anos 80 fui trabalhar como aluna monitora no Campus Aproximado através do Projeto Juriti da Fundação Rondon. Hoje trabalho como secretária no mesmo local.

Como monitora lidava com adolescentes, em especial da área da recreação, como o futebol. Ah! O futebol... A gurizada era boa de bola, deitava e rolava em cima de qualquer adversário. E sonhavam, como sonhavam aqueles guris... A maioria queria ser craque, seus olhos brilhavam ao se imaginarem com a camiseta do Grêmio, do Inter, do Roma, do Milan, do Real Madri...

Um dia surgiu um torneio de futsal na Praça Piratini e eu inscrevi a equipe para disputá-lo. Mas precisávamos de uniforme. Não tínhamos. Conversa daqui, conversa dali, convenci o Dr. Bergamaschi (diretor) a liberar uma verba para tal. Bah! Foi uma festa! Num grupo enorme fomos até a Ughini escolher o mesmo, completinho por sinal, com direito a camiseta, meia e calção. Mas, e a cor? Azul, é claro! Afinal, eu como uma professora gremista, apliquei minha "democracia" e no fim todos concordaram com a Sora...

Chegou o grande dia. Negociações acirradas com o cobrador do T1 e lá vamos nós passando por baixo da roleta rumo à glória. Eeeeba!!!! Vencemos todos os jogos e fomos para a final.

Ah, a final!!!

Tô lá embaixo, no Jardim do Salso, esperando a gurizada. O jogo é às 10h, 9h e nada.... 9h15min... não aparece ninguém. De repente vem o nosso goleiro descendo a lomba da vila a mil, com a notícia:

– Sora, os homi pegaram o nosso time. Botaram eles tudo no camburão...

Agora sou eu que corro, só que lomba acima. Não posso destruir os sonhos desses meninos, precisamos chegar a tempo no nosso jogo... Chego lá em cima e encontro o time todo detido no camburão. O motivo? Um deles ficou encarregado de levar a bola e o apito. Resolveu apitar na hora em que a patrulha passava, o que levou os soldados a acreditarem ser uma gangue que estava avisando seus parceiros das suas presenças ali...

Engano defeito, corremos todos para a parada do T1, tentando deter o relógio para que este não andasse e o tempo parasse. Quem sabe o adversário não foi? Será que o juiz faltou? Que nada, chegamos lá e o adversário comemorava o campeonato....

Perdemos por WO!!!!

Ainda hoje eu me pergunto:

– Onde andam os meninos do meu time?

– Para onde foram levados os seus sonhos?



Maria de Fátima (dir.) com o Vice-Reitor Joaquim Clotet e a Pró-Reitora de Ensino de Graduação, Solange Ketzler

20
colocado

Piloto Apaixonado

Fábio Fagundes dos Santos

Aluno da Faculdade de Ciências Aeronáuticas • Pseudônimo: Piloto Apaixonado

Era uma quinta-feira do segundo semestre de 2002. Como de costume, estava almoçando com meus colegas no RU (lotado como sempre) quando ela apareceu. Quem era, não sei, mas era linda de maneira talvez inédita em meus almoços. Não é exagero, pois estava com outros cinco colegas e TODOS pararam para apreciá-la antes mesmo de ela entrar no restaurante.

Foi então que surgiu a idéia. Subir numa cadeira e cantar para ela uma música romântica. O escolhido fui eu, que, após algumas negociações, aceitei fazer aquela loucura.

Até hoje eu penso que ninguém realmente acreditava que

eu fosse fazer aquilo. Nem mesmo eu acreditava em mim, mas o compromisso já fora firmado e eu não podia ficar mal com meus amigos. Levantei e fui na direção dela, pedi desculpas antes mesmo de cantar, subi na cadeira e comecei a cantar “I can’t take my eyes off of you”. Ela ficou estática e eu me liguei na loucura que tinha feito e só me preocupei em sair de lá o mais rápido possível. Quem dera fosse um conto para ter um final feliz, mas nunca mais vi essa menina em lugar algum aqui em Porto Alegre. Guardo até hoje na lembrança esse momento, que diria ser inesquecível para mim, meus colegas e por que não para ela.



Vice-Reitor entrega o prêmio para Fábio

30
colocado

Setembro, 1987

Marisa Magnus Smith

Professora da Faculdade de Letras • Pseudônimo: Clara

Assim que entrei na aula de Língua Portuguesa VIII, naquela manhã, percebi um clima de antecipação ansiosa. Assim, não foi exatamente com surpresa que, passados alguns minutos, vi abrir-se a porta e entrarem algumas alunas, mãos às costas escondendo as flores. Dia do Professor antecipado, ocorreu-me... Nem em sonhos poderia imaginar que aquele se tornaria o dia mais marcante de minha hoje já longa história na PUCRS. Professora homenageada? Ao lado de minha grande mestra, professora Lia Lourdes Marquardt? Não pode ser!

Passadas as emoções, as lágrimas, as manifestações de carinho, a verdade, que então já podia ser contada.

Minha estréia no ensino superior se dera a ferro e fogo, exatamente com aquela turma, dois semestres antes. Numa tarde cinzenta de julho, 1986, o convite do Irmão Mainar: “Marisa, preciso de você para assumir a disciplina de Língua Portuguesa VI.” Impossível, pensei, é muito difícil, a teoria é nova, revolucionária, até. “Quando, Irmão?”, arrisquei. “Daqui a dez dias.” O tom não admitia recusas, mas

me dizia também que eu seria capaz. Foi impossível dizer não. A quem recorrer, então? À professora Lia, é claro, que me acalmou e alcançou-me precioso material de estudo.

Iniciei o semestre tão apavorada quanto preparada: todos os minutos das sessenta horas estavam minuciosamente planejados. A turma, participante, engajada, não me poupava desafios. Cada aula era uma nova descoberta – e não só para os alunos. Enquanto construíamos conhecimentos, construía-se a professora.

A homenagem, no momento da formatura, muito mais do que uma honra, foi e é, até hoje, um marco referencial, ao qual sempre volto para beber coragem, esperança e a crença de que, afinal, vale a pena ser professora.

Esta não é uma história pitoresca ou criativa. Mas testemunha minha profunda gratidão a esta Instituição – que me formou, ao Irmão Mainar – que confiou em mim e sempre me distinguiu com respeito e afeto, e à professora Lia – que me ensinou a ser professora.



Clotet cumprimenta Marisa